



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
abertura do 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica e 7º Congresso  
Internacional de Iniciação Científica**

**São Paulo-SP, 13 de novembro de 2009**

Meu caro companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,  
Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,  
Orlando Silva, ministro do Esporte,  
Senhor Marco Aurélio de Mello, ministro do Supremo Tribunal Federal,  
Senador Eduardo Suplicy,  
Meu caro amigo Gilberto Kassab, prefeito da cidade de São Paulo,  
Meu caro amigo e ex-governador Luiz Antônio Fleury, e sua esposa Ilka  
Fleury,

Meu caro ex-governador, ex-secretário, ex-reitor, ex-não sei o que lá,  
Cláudio Lembo,

Senhora Labibi Elias Alves da Silva, magnífica reitora das Faculdades  
Metropolitanas Unidas, em nome de quem quero cumprimentar todos os  
demais reitores aqui presentes,

Meu caro Augusto Chagas, presidente da União Nacional dos  
Estudantes,

Senhor Hermes Figueiredo, presidente do Sindicato das entidades  
mantenedoras do ensino superior no Brasil,

Meu caro amigo Edevaldo Alves da Silva, presidente do complexo  
educacional das Faculdades Metropolitanas Unidas, em nome do qual saúdo o  
corpo de docentes e colaboradores aqui, das Faculdades,

Companheiros da imprensa,

Amigos,



Eu estava quase colocando um vídeo da primeira vez que eu vim aqui, assim eu não precisaria falar outra vez. Mas eu penso que é importante valorizar este 9º Congresso Nacional de Iniciação Científica. É importante porque no século XXI e nesses últimos tempos o Brasil subiu um degrau nas possibilidades de se transformar num país grande do ponto de vista territorial, que já é, mas grande do ponto de vista econômico, do ponto de vista do desenvolvimento, do ponto de vista educacional e do ponto de vista da justiça social. Para que um país atinja esse novo degrau, numa perspectiva de subir um degrau no ano seguinte, o governo tomou consciência de que não é possível subir o próximo degrau sem que a gente faça um forte investimento na educação neste país, que a gente invista fortemente em pesquisa neste país, que a gente forme novos cientistas neste país, para ter a base necessária para o Brasil dar um salto de qualidade.

Por isso, o companheiro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia, recebeu uma incumbência minha de preparar um PAC da Ciência e Tecnologia. Esse PAC foi feito com a participação de toda a comunidade científica brasileira. Foi a primeira vez, meu caro Cláudio Lembo, que todos os participantes de uma reunião da SBPC, por unanimidade, aprovaram o Plano de Ciência e Tecnologia, R\$ 41 bilhões até 2010, e ainda criamos um conselho fiscalizador nas próprias entidades, para que a gente pudesse melhor gastar esse dinheiro, porque no Poder Público, muitas vezes, o problema é que você coloca o dinheiro e depois você tem tanto empecilho que esse dinheiro não consegue ser executado. Normalmente, você destina uma quantidade de dinheiro no orçamento para determinadas coisas e, quando termina o ano, aquele dinheiro está transferido para outro lugar ou ia para o superávit primário porque você não tinha utilizado o recurso.

Então, o dinheiro da ciência, da pesquisa e tecnologia está garantido, e o Ministério agora só tem que cumprir tudo aquilo que já foi determinado pela própria comunidade científica e aprovado por unanimidade em uma reunião



com muito mais gente do que tem aqui hoje. Gente que eu conheci, outrora, muito nervosa e muito azeda, ou seja, até a UNE seria vaiada se fosse lá. As pessoas amadureceram para compreender que as coisas começaram a acontecer, de fato.

E não parei no Ministério da Ciência e Tecnologia. Chamei a Embrapa e pedi para que a Embrapa também construísse o seu PAC para novos investimentos em ciência e tecnologia. E a Embrapa, já no ano passado, fez um PAC de 1 bilhão e meio a mais até 2010, e que está sendo executado na sua totalidade até 2010.

Se não bastasse isso, nós tomamos uma decisão, o Fleury e o Cláudio Lembo, que foram governadores, sabem perfeitamente bem que quando a gente vai discutir educação em uma reunião de secretários, em uma reunião de governo, normalmente, quem está cuidando das finanças acha que não pode gastar muito. E aí ele nivela, em igualdade de condições, todo e qualquer dinheiro do Orçamento.

Na verdade, é uma briga entre secretários, cada um achando que a sua área merece mais recursos: é a segurança que quer, de um lado; é a ciência e tecnologia do outro; é saúde do outro, e todo mundo se considera igual. Ora, se o governante não botar o pé na mesa e dizer: “Espera aí, todo mundo tem o mesmo direito, mas nós temos algumas prioridades e essas prioridades são a aposta que a gente faz no futuro.” Eu me lembro de uma decisão que nós tivemos, no governo, que eu decidi que era proibido, era proibido no governo a gente utilizar a palavra “gasto” quando estivesse falando de educação. Era preciso falar “investimento”, porque a educação é o investimento que dá o retorno muito mais rápido para as pessoas, individualmente, e para a sociedade como um todo, se a gente tiver capacidade e coragem de fazer investimento. E isso passou a ser feito.

É por isso que nós criamos outras dezenas de programas. Quando nós iniciamos a Olimpíada de Matemática, não pensem que as pessoas



acreditavam que era possível fazer Olimpíada de Matemática. Nós tínhamos 274 mil alunos, dos quais, a grande maioria das escolas privadas no Brasil, e não tinha... e quando nos propusemos, em 2004, fazer a Olimpíada de Matemática em escola pública, aparecem aqueles pessimistas de sempre dizendo: “Não, porque o aluno pobre, da escola pública, não vai se interessar por Olimpíada de Matemática”. Eu me lembro de uma vez, ministro Marco Aurélio, que até a Justiça Eleitoral não deixou a gente colocar um cartaz convocando a Olimpíada de Matemática de 2006, achando que era campanha eleitoral, quando não tinha o nome do presidente, não tinha o nome de ninguém. Era apenas convocando os alunos para se inscreverem.

O dado concreto é que a descrença foi vencida pela esperança e pela vontade do povo. Na primeira Olimpíada se inscreveram 10,5 milhões de crianças. Na segunda Olimpíada se inscreveram 14,5 [milhões] de crianças. Na terceira Olimpíada, 18,3 milhões de crianças. E este ano...? 19,2 milhões de crianças e adolescentes da escola pública se inscreveram para a Olimpíada de Matemática. É a maior do mundo.

Eu tinha vergonha porque a Argentina, na época, tinha uma Olimpíada de Matemática que tinha 1,2 milhão de alunos; os Estados Unidos tinham uma Olimpíada que tinha 9 milhões de alunos; e a gente tinha apenas 274. Portanto, hoje, hoje o Brasil é recordista... Talvez a gente perca da China, se eles tiverem uma Olimpíada, porque tem mais chinês do que brasileiro no mundo mas, de qualquer forma, é uma coisa estupenda. Só para vocês terem idéia, no primeiro ano que nós fizemos a Olimpíada de Matemática, quem ganhou o primeiro prêmio foi um menino de 16 anos, de Brasília, que andava em cadeira de rodas, tinha problema de audição e não enxergava. Esse moleque foi o primeiro aluno da Olimpíada.

Agora, mesmo, nós fomos ao Rio de Janeiro entregar medalha de ouro. Um dos meninos que ganhou a Olimpíada não consegue... ele era levado para a escola em um carrinho de pedreiro, o pai levava ele porque ele não



conseguia andar, não conseguia nada, ou seja, era tetraplégico esse menino, e esse menino conseguiu a terceira medalha de ouro que ele ganha, em uma Olimpíada em que participam 19 milhões de crianças.

Mas eu não estava contente com a da Matemática e resolvi que nós deveríamos fazer a de Português. Na de Português nós não tínhamos uma experiência, nós não tínhamos um Instituto [como o] de Matemática Aplicada como [que] nós temos no Brasil, nós não tínhamos um de Português. Então, nós fizemos uma parceria com uma fundação: Cenpec. E fizemos a primeira Olimpíada de Matemática [Português] no ano passado. Inscreveram-se 6 milhões de jovens, 6 milhões. Entregamos, entregamos 30 medalhas de ouro para os 30 melhores alunos, e foi uma coisa emocionante porque o que as pessoas no Brasil estão precisando é de uma oportunidade.

Ou seja, no fundo, no fundo, todos nós acordamos de manhã, e muito mais gente que não está aqui precisa muito mais do que nós, na expectativa “do que vai acontecer na minha vida, qual é a chance que eu tenho, qual é a oportunidade que eu tenho?” Pois bem, não sei se o Ministério da Educação vai publicar, mas vocês vão ver as redações, os poemas que foram vencedores, que são coisas extraordinárias de gente humilde do interior deste país, que se vocês vissem andando na rua, vocês falavam: “Coitadinho, não sabe nada”, não é?

Eu, agora, no ano que vem, quero fazer a primeira de Ciências. A primeira Olimpíada de Ciências, que é uma matéria que eu vejo meus filhos sempre dizerem que é difícil. Então, eu acho que nós temos que fazer uma Olimpíada de Ciências, para quê? Para provocar, para provocar a inteligência das pessoas, a vontade das pessoas, e que a gente possa depois ir criando outras Olimpíadas, em outras matérias que sejam mais complicadas, para que a gente possa despertar no Brasil o prazer de estudar.

Hoje, a Olimpíada de Matemática tem uma disputa nas escolas públicas, uma verdadeira disputa, e ainda nós não conseguimos dar os prêmios que nós



poderíamos dar. Por volta de 3 mil ganham bolsa da Capes. Ainda é pouco, eu acho que era preciso que a gente garantisse... porque no meio dessas Olimpíadas surgem pelo menos 2, 3 mil gênios deste país, que nós deveríamos criar as condições para que o Estado financiasse esses garotos até a conclusão total dos seus estudos, ou a iniciativa privada adotasse parte desses alunos, porque não é fácil hoje. Se um time de futebol contrata um moleque de 14 anos que nem sabe se vai ser bom de bola, por que a gente não pode contratar um cientista que vai prestar tanto serviço ou mais do que o jogador de futebol ao mundo e ao país. É apenas uma questão de compreensão da importância dessas coisas.

Nós começamos, agora, a discutir a questão da inovação. A gente fala muito em inovação tecnológica, em inovação e as pessoas acham as coisas muito complicadas. Quando a gente fala em inovação, as pessoas ficam: “Mas o que esse governo está discutindo de inovação?” E eu, para simplificar a questão da inovação, eu dou exemplo de uma inovação que é um sucesso no Brasil: a moto que entrega pizza. Antigamente, se a gente quisesse comer uma pizza, a gente tinha que sair de casa, ligar o motor do carro, colocar a família dentro, entrar, procurar lugar para estacionar, saber se tinha lugar na pizzaria, e a gente ficava lá, às vezes ficava esperando meia hora, uma hora. Todo mundo meio assustado, porque “pode entrar alguém aí na loja, pode ter uma briga”. Sabe como é sair à noite, não é? As pessoas ficam meio assustadas.

Aí, de repente, um cara lá, que eu não sei quem foi, inventou que tem uma motocicleta, você pede uma pizza, o cara enche uma caixinha cheia de pizzas e leva quantas você quiser, e se ele for cuidadoso, ela não chega nem amassada para a gente.

Eu estou dando um exemplo disso. Além do programa de investimento... do desenvolvimento industrial que nós fizemos, lançado no BNDES, para ver se a gente incentiva as empresas brasileiras a quererem participar do processo de ciência e tecnologia, de investimento em inovação tecnológica.



Vejam que engraçado: no Brasil nós temos apenas 6 mil empresas que procuram inovações sistematicamente. É preciso que a gente tenha 30 mil, 40 mil, 50 mil empresas procurando fazer essa inovação porque a marca, o produto, o embrulho do produto, às vezes uma coisinha a mais que passa no produto, você coloca mais valor agregado, e isso, é preciso que o empresário tenha a iniciativa.

Eu participei, agora, de um encontro com a CNI, que me convidou, quase pedindo para que eu fosse uma espécie de garoto-propaganda da inovação, porque os empresários ainda não procuram, com a força que deveriam procurar, fazer inovação na sua empresa ou no seu produto, e esse é um desafio que está colocado. E quando a gente faz um Congresso de Iniciação a gente está, na verdade, colocando uma pontinha de provocação em uma mulher ou em um homem que pode, daqui a pouco, querer fazer pós-graduação, fazer mestrado, e virar um grande cientista neste país.

Bem, tudo isso, vocês vejam que o companheiro da UNE já chegou aqui e já comprometeu 50% do pré-sal com educação. Ou seja, o pré-sal, o pré-sal, meus companheiros, pode valer para a mulher, mas vale para (incompreensível): é como um homem bonito em um baile que tem a maioria de mulheres ou uma mulher bonita em um baile que tem a maioria de homens, ou seja, todo mundo fica de olho ali.

O pré-sal, todo mundo acha que vai resolver todos os problemas. Vejam, o pré-sal, nós definimos que a criação do fundo a ser gerido por uma instituição que vai ter governo e não governo será utilizado de forma prioritária para algumas coisas: educação, ciência e tecnologia, a questão ambiental, a questão cultural e a questão da saúde. Lógico que com cada segmento da sociedade que a gente conversa, alguém quer tirar um pouquinho, ou seja, ninguém quer tirar de onde não tem, só quer tirar de onde tem.



Hoje, ninguém quer beliscar o Corinthians, querem beliscar o Palmeiras, que estava pensando que ia ser campeão e está em uma situação um pouco mais delicada. Então, todo mundo está querendo beliscar.

Então, esse petróleo, nós temos que ter o cuidado, porque tem gente que fala: “O Lula teve sorte, encontrou o pré-sal”. Sorte, não. É que nós saímos de US\$ 250 milhões de pesquisa por ano, para US\$ 950 milhões de pesquisa por ano. Porque pesquisa é uma coisa difícil. Pesquisa, a gente faz sem saber que vai encontrar o resultado. Depois de dez anos de pesquisa, a gente pode pegar tudo o que foi escrito, tudo o que foi feito e jogar fora. Mas você não descobrirá alguma coisa se você não tiver coragem de entender que isso não é gasto, é investimento.

Da mesma forma que você pode não encontrar nada, você pode encontrar. Onde nós encontramos o pré-sal era área já utilizada pela Petrobras, eram algumas áreas em que ela já tinha dado como esgotado o petróleo. Ou seja, foram novas tecnologias que permitiram que a gente pudesse chegar mais fundo para encontrar mais petróleo do que aquele que a gente tinha tirado.

Então, eu penso que a sociedade brasileira está se convencendo de que nós precisamos fazer mais investimentos. Às vezes a gente é criticado porque... Eu vejo muito, sobretudo alguns jornais aqui de São Paulo muito conhecidos de vocês falam assim: “ah, porque o governo está inchando a máquina.” Veja que engraçado: hoje nós temos o mesmo número de funcionários públicos que nós tínhamos em 1997. Aliás, temos 10 mil a mais.

Agora, eu pergunto para vocês: como é que o Edevaldo vai crescer a Faculdade dele, se ele não contratar mais professores? Se não contratar mais técnicos para trabalhar? Se não colocar mais gente na área administrativa? Ora, como é que este país vai um salto na educação, sem contratar professores? Como é que a gente vai melhorar a polícia, sem contratar mais policiais? E mudar as regras, porque no Brasil a polícia agora é o seguinte: é





aquele negócio, um mente para o outro e a mentira ganha... esse negócio de policial trabalhar 24 [horas] por 72 [horas] é a maior mentira que já se inventou neste país. Nem ele trabalha 24 [horas] consecutivas, porque ele deve dormir metade, e nem nas 22 [72] ele descansa, porque fica fazendo “bico”. O Kassab me disse: “aqui em São Paulo, agora, o ‘bico’, a Prefeitura assumiu e está contratando os policiais para fazer bico”. Não era melhor pagar para ele trabalhar oito horas, ele ia embora para casa, vinha outro e trabalhava oito horas, e ia embora para casa, vinha outro e trabalhava oito horas... Não era muito mais decente? Muito mais digno? Então, as pessoas vão... essa é uma cultura brasileira, que é o seguinte: “eu não quero dar aumento de salário, então eu vou facilitando a vida das pessoas.”

O Jarbas Passarinho, quando era ministro da Previdência, reduziu a jornada para 36 horas na Previdência, para entender que era aumento de salário. Então, “eu não posso dar aumento, você para de trabalhar, eu não posso dar aumento você para de trabalhar”, sabe? Essas loucuras que vão fazendo no Brasil e que vão tornando [tomando] cara de verdade.

Então, eu penso, companheiros e companheiras... Veja, nós tomamos a decisão de fazer escolas técnicas. Nós vamos entregar, em 2010, 214 escolas técnicas no Brasil. E o Brasil precisa de mais, muitas vezes 214. Por que 214 passam a ser muito, em oito anos? Porque em 100 anos foram feitas apenas 140. Se em oito anos foram feitas 214, significa que é possível quem vier depois de mim fazer 300, quem vier depois de quem vier depois de mim faz mais 300... e daqui a pouco a gente está com o problema do ensino profissional, do ensino médio legalizado neste país.

A Universidade...você vão pegar o mapa de quem construiu universidade no Brasil, e graças a Deus, graças a Deus houve empresários neste país que tiveram coragem de fazer investimento, não no ensino privado [fazer investimento no ensino privado], porque se não fosse o ensino privado, a incompetência do Estado brasileiro de investir na educação, nós teríamos



apenas uma elite, 0,05% da elite paulista estudando em universidade pública e o povo pobre terminando de estudar, ou no ensino médio ou, se pudesse pagar ainda, em uma escola particular.

Então, a verdade é que o Estado não cumpriu com as suas obrigações, porque também durante muito tempo prevaleceu a ideia, no Brasil, de que “o Estado tem que ser fraco, o Estado não pode ser nada”. Você foi governador, Lembo, e o Fleury foi governador. Se o Estado não for forte, não existe Estado. Só tem condição de o Estado existir... e não é o Estado para ser o gestor, é o Estado para ser o indutor, para ser o regulador. Na crise econômica, agora, os papas de que [que diziam que] “o mercado resolvia tudo”, ninguém abriu a boca. Você viu que quando era a Colômbia que tinha crise econômica, o Peru, o Uruguai, o Paraguai, a Argentina, o Haiti, o FMI sabia tudo. Quando a crise foi no umbigo dele, ele não sabe nada. Não deram um palpite sobre a crise, nem FMI, nem Banco Mundial, ninguém. Eu vou às reuniões do G-20, vocês não sabem quanta humildade. Mas quando a crise era só no Brasil, quantos palpiteiros. “Nego” já descia no aeroporto dando palpite: “Porque tem que fazer isso, porque tem que fazer aquilo, não pode comprar aquilo, não pode fazer aquilo, tudo aquilo é gasto”.

Então, tem umas bobagens que se criou neste país que têm que ser desmontadas para a gente voltar a governar este país em função das nossas necessidades, das nossas possibilidades. E a educação é condição *sine qua non* para isso. Eu estou falando *sine qua non* porque o Caetano Veloso vai ouvir que eu falei *sine qua non*, ele vai dizer: “Porra, como o Lula está...”

Então, a educação é a base mais concreta e mais objetiva para a gente dar um salto de qualidade, quem sabe subir dois degraus, três degraus, quatro degraus nesses próximos anos.

Eu estou convencido de que o Brasil estará entre as cinco economias maiores do mundo nos próximos dez anos, estou convencido disso. Podem olhar e gravar, depois o Edevaldo passa um vídeo aí e me convida, daqui a dez



anos, para vir aqui. Eu desconfio que a gente vai chegar em 2016. Até lá, vamos chegar a ser a quinta economia do mundo.

Mas não tem sentido a gente crescer se esse crescimento não for partilhado com todos, e se a parte mais pobre da sociedade não receber uma partícula um pouco maior, para que ela possa chegar a um nível razoável. Tem gente que acha ruim: “Ah, o Lula fica criando o Bolsa Família, dá dinheiro para pobre.” Você veja o que aconteceu agora, você veja que os pobres do Brasil das regiões Norte e Nordeste consumiram 5% a mais do que as classes A e B, da região Sudeste. E sabe em que, Lembo? Sobretudo, em material de higiene. O que significa isso? Significa que nós quebramos uma máxima que tinha neste país, que dar aumento para o salário mínimo era inflacionário. Nós estamos há sete anos dando aumento real para o salário mínimo e a inflação está controladíssima, a 4%. Não há nenhum problema. Quem é que salvou este país da crise? Foi o povo e a parte mais pobre, que consumiu, que não ficou com medo e que gastou o que tinha que gastar.

Então, nós temos um mercado interno extraordinariamente fantástico, de um povo que não tem quase nada. Então, qualquer coisa, para ele, é um ganho incomensurável. Então, eu acho que nós estamos...

O ProUni, que estes meninos criaram, aí, eu não sei quantos alunos o ProUni tem aqui na Metropolitana. Mas a verdade concreta é a seguinte: é que eu ando o Brasil inteiro, e você encontra jovens da periferia que jamais poderiam pagar uma universidade ou que jamais poderiam ter um curso superior, essa meninada estudando de graça, dos quais 40% negros. Tem gente que fica brigando por cota, cota, cota, lei, e uns escrevem contra, outros a favor. O dado concreto é que o ProUni resolveu esse problema em parte, porque 40% dos estudantes do ProUni são meninas e meninos negros da periferia pobre deste país.

E quando duvidaram de nós, dizendo que eu estava nivelando por baixo a educação, colocando os pobres da periferia na universidade, o que



aconteceu dois anos depois? Em uma avaliação, em quinze áreas, os alunos do ProUni foram os melhores alunos, inclusive em Medicina, numa demonstração, gente, de que não existe aquele negócio de uma pessoa ser muito mais inteligente do que a outra. Na verdade, o que precisa saber é se as duas tiveram a mesma oportunidade, se as duas estiveram sentadas no mesmo banco, na frente do mesmo educador e se tiveram a chance de aprender. Esse é o desafio que está colocado, e isso é o que vai acontecer no Brasil daqui para a frente.

De vez em quando as pessoas falam assim para mim: “Lula, qual é legado que você quer deixar, quando você não for mais presidente?” É a mudança de paradigma neste país, porque tem presidente da República que passou anos e não fez uma única faculdade, tem presidente da República que passou aqui anos e não fez uma escola técnica, e tudo gente letrada, Lembo, tudo gente que, se você pegar o currículo para apresentar não cabe, de tanta sapiência. Agora, faltava um compromisso dessas pessoas: era definir que tipo de país ele quer e para quem ele quer governar, e quem vai ter prioridade. E iso a gente não aprende na escola, a gente aprende é na nossa disputa de sobrevivência no dia a dia.

Então, meu companheiro Edevaldo, você que [ficou] órfão de pai muito cedo, que ajudou a sua mãe no sustento de casa – eu vendia tapioca e você vendia molduras artesanais e trabalhou até como pipoqueiro; eu só cheguei a vender amendoim – e que apesar do trabalho pesado e das responsabilidades precoces colocadas sobre seus ombros, nunca descuidou dos estudos; você que cursou o ensino médio graças a uma bolsa de estudos e ao trabalho como auxiliar de farmácia, bacharelou-se em Direito, foi advogado militante, chegou a deputado federal - foi a pior coisa que você fez na sua vida, foi ser deputado federal - e que funda a FMU, na verdade, você é a demonstração, tanto quanto o Zé Alencar, tanto quanto eu, de que é possível. Os americanos acham que são eles o país das oportunidades. Mas, na verdade, os americanos, nós



temos mais chances do que eles porque lá, agora pela primeira vez um negro chegou à Presidência, mas nunca um torneiro mecânico chegou à Presidência lá, apesar de o sindicalismo ser muito forte.

Então, este país aqui, Edevaldo, que permite que um homem da tua origem chegue onde chegou, que permite que eu chegue onde cheguei, que permite que o Zé Alencar chegue onde chegou, e outros milhões de brasileiros que saíram do nada e venceram na vida, é que faz com que eu acredite que o povo brasileiro não precisa de favor, ele precisa apenas de respeito e de oportunidade, e é isso que nós queremos dar.

Muito obrigado.

(\$211A)